

Venezuela diz que não renegocia em conjunto

CARACAS — A Venezuela é o país latino-americano com melhores condições para pagar sua dívida externa e deve renegociar suas obrigações de forma direta e não **em bloco**, com outros da região — disse ontem o ministro do Fundo de Investimentos, Carlos Rafael Silva, ao comentar a declaração conjunta firmada pelos presidentes do Brasil, da Argentina, da Colômbia e do México sobre o aumento das taxas de juros dos bancos norte-americanos.

Silva acrescentou, em entrevista à imprensa, que a tese da renegociação em bloco “não encontrou muito eco. A situação dos países devedores é totalmente distinta”. Entretanto, o ministro venezuelano de Relações Exteriores, Isidro Morales Paul, informou que seu governo manteve “estrito contato, tanto na sexta-feira quanto no sábado últimos, com as chancelarias dos quatro países que subscreveram a declaração”.

Ele assegurou que a Venezuela concorda “essencialmente com o conteúdo” da declaração, mas considera que deve ser examinada “com toda a prudência do caso e pelas implicações político-econômicas a proposição de negociar conjunta-

mente as dívidas dos países em desenvolvimento”.

O chanceler também manifestou a opinião de que “há diferenças notórias em matéria de planos de desenvolvimento, modelos de desenvolvimento, graus de solvência e potencialidade futura” e que “a criação de um clube de devedores não parece a via mais oportuna e conveniente para enfrentar o problema”. É provável que hoje o presidente da Venezuela, Jaime Lusinchí, emita opinião pessoal sobre a situação criada.

Em Havana, a imprensa oficial de Cuba publicou ontem um extenso material de agências sobre o tema, mas sem qualquer comentário. Observadores recordam, porém, que o presidente Fidel Castro, em diversas oportunidades, defendeu a necessidade de uma cooperação internacional para superar as dificuldades financeiras dos países em desenvolvimento em face das altas taxas.

Em Bogotá, pouco antes de viajar para os Estados Unidos, o ministro colombiano de Relações Exteriores, Rodrigo Lloreda Caicedo, declarou que a América Latina não pode permanecer impassível ante os reajustes das taxas de juros norte-americanas.